



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

SERVIÇO SOCIAL

**ARRIBA LOS DE ABAJO:
ARTE, RESISTÊNCIA E SERVIÇO SOCIAL**

VANESSA FERREIRA DA TRINDADE

Foz do Iguaçu
2026



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

SERVIÇO SOCIAL

**ARRIBA LOS DE ABAJO:
ARTE, RESISTÊNCIA E SERVIÇO SOCIAL**

VANESSA FERREIRA DA TRINDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dra. Talita de Melo Lira

Foz do Iguaçu
2026

VANESSA FERREIRA DA TRINDADE

ARRIBA LOS DE ABAJO:
ARTE, RESISTÊNCIA E SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Talita de Melo Lira
UNILA

Prof. Elmides Maria Araldi
UNILA

Prof. Ricardo de Holanda Leão
UFAL

Foz do Iguaçu, 03 de julho de 2026.

Dedico este trabalho a
minha querida mãezinha

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a divina e mágica potência de existência e vida, essa vida cheia de incertezas desde a sua concepção até seu perecimento, mas que pode ser bonita.

Agradeço a minha querida mãezinha Regina, que me deu a vida, me criou e me cuidou com tanto amor e carinho, nos momentos lindos e difíceis. Me deixou brincar na terra e subir em árvores, e que sempre me apoia. Mamãe, amo você, te admiro e te agradeço infinitamente.

Ao meu amor Mohammad, que sempre me apoia e me cuida com muito amor e que me inspira a sempre buscar conhecimento. Te amo, habibi.

A Ana, que mais que colega da universidade, se tornou minha amiga, que esteve comigo nos momentos de celebração e nos momentos ruins, que me levou sopa quando eu fiquei doente. Amiga, te amo, e agradeço muito sua presença na minha vida.

A Catalina, que mais que colega de curso, se tornou minha amiga que esteve comigo nos momentos felizes e infelizes. Minha admiração no curso e na vida. Te amo y te aprecio mucho, amiga.

A Giuli, que foi minha colega de casa, e que se tornou minha amiga, que esteve comigo em momentos de felicidade e de infelicidade debaixo do mesmo teto. Adoro seu jeito de rir e te admiro muito. Te amo y espero seguir compartiendo contigo amiga.

As pessoas que fazem/fizeram a universidade pública, sem vocês nada disso seria possível. Meu muito obrigada.

A professora Talita, minha orientadora, que mostrou os caminhos para a pesquisa acadêmica, e que sempre me incentiva a seguir estudando.

A professora Elmides, que admiro tanto, pela sua humanidade. Suas aulas estarão na minha lembrança sempre. Obrigada por ser quem você é e por aceitar participar da banca.

Ao professor Ricardo, com que pude passar pouco tempo na universidade, mas que marcou muito. Fiquei extremamente feliz ao descobrir que o senhor estudava sobre serviço social e arte, tema deste trabalho. Obrigada por aceitar participar da banca.

As pessoas que lutaram e lutam para termos as condições que temos hoje, e as possibilidades do amanhã. Meu muito obrigada

Também agradeço a mim. Um ser perecível com muita vontade de viver e um ser com mais dúvidas e perguntas do que respostas. Porém tento usar isso como combustível para sempre esperar.

*Solo le pido a Dios
Que el dolor no me sea indiferente
Que la resequa muerte no me encuentre
Vacía y sola sin haber hecho lo suficiente*
León Gieco

TRINDADE, Vanessa Ferreira da. ARRIBA LOS DE ABAJO: ARTE RESISTÊNCIA E SERVIÇO SOCIAL. 2026 (52 p). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal da Integração Latino- Americana, Foz do Iguaçu, 2026.

RESUMO

A arte permeia o cotidiano humano, assim ela pode ser usada em diversos contextos como na resistência social para manifestar, reivindicar e protestar, e como instrumento de intervenção profissional no serviço social na busca de ampliar autonomia e sociabilidade dos indivíduos sociais. Dessa forma, o presente trabalho busca compreender a arte como elemento de resistência social e intervenção profissional de assistentes sociais. Portanto, o objetivo geral consistiu em compreender a arte como elemento de resistência e intervenção profissional. No que concerne aos objetivos específicos consistiram em explicar as categorias capitalismo e resistência; Refletir sobre a categoria arte e como se vincula com a resistência, e; Evidenciar como o serviço social pode utilizar da arte como instrumento de intervenção profissional. Para tal realização, a pesquisa fundamenta-se em uma metodologia com as seguintes características: Pesquisa Bibliográfica e com perspectiva histórico crítica, de abordagem qualitativa. Assim, a pesquisa começa com uma breve história do capitalismo, passando pela história da arte e como se vincula com a categoria resistência, chegando ao serviço social, e como assistentes sociais podem usar a arte. Ao final, se constatou que arte pode ser um poderoso instrumento de intervenção nas expressões da questão social, evidenciando a importância de fazer debates e pesquisas sobre a arte como instrumento no serviço social.

Palavras-chave: arte; resistência; capitalismo; serviço social; instrumento de intervenção profissional.

RESUMEN

El arte impregna la vida cotidiana humana y puede utilizarse en diversos contextos, como en la resistencia social para expresar, reivindicar y protestar, y como instrumento de intervención profesional en el trabajo social para ampliar la autonomía y la sociabilidad de las personas. Por lo tanto, este trabajo busca comprender el arte como un elemento de resistencia social e intervención profesional por parte de los trabajadores sociales. Así, el objetivo general fue comprender el arte como un elemento de resistencia e intervención profesional. Los objetivos específicos fueron explicar las categorías de capitalismo y resistencia; reflexionar sobre la categoría de arte y su relación con la resistencia; y demostrar cómo el trabajo social puede utilizar el arte como instrumento de intervención profesional. Para lograrlo, la investigación se basa en una metodología con las siguientes características: investigación bibliográfica con perspectiva histórico-crítica y un enfoque cualitativo. Así, la investigación comienza con una breve historia del capitalismo, continúa con la historia del arte y su relación con la categoría de resistencia, para llegar al trabajo social y cómo los trabajadores sociales pueden utilizar el arte. En conclusión, se constató que el arte puede ser un instrumento poderoso para intervenir en la expresión de problemas sociales, lo que subraya la importancia de celebrar debates y realizar investigaciones sobre el arte como herramienta en el trabajo social.

Palabras clave: arte; resistencia; capitalismo; trabajo social; instrumento de intervención profesional.

ABSTRACT

Art permeates human daily life, and can be used in various contexts, such as in social resistance to express, claim, and protest, and as an instrument of professional intervention in social work in the pursuit of expanding the autonomy and sociability of social individuals. Therefore, this work seeks to understand art as an element of social resistance and professional intervention by social workers. Thus, the general objective was to understand art as an element of resistance and professional intervention. The specific objectives were to explain the categories of capitalism and resistance; to reflect on the category of art and how it relates to resistance; and to demonstrate how social work can use art as an instrument of professional intervention. To achieve this, the research is based on a methodology with the following characteristics: bibliographic research with a historical-critical perspective and a qualitative approach. Thus, the research begins with a brief history of capitalism, moving through the history of art and how it relates to the category of resistance, arriving at social work, and how social workers can use art. In conclusion, it was found that art can be a powerful instrument for intervening in expressions of social issues, highlighting the importance of holding debates and conducting research on art as a tool in social work.

Key words: art; resistance; capitalism; social work; instrument of professional intervention

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAPITALISMO E RESISTÊNCIA	14
2.1 CAPITALISMO	14
2.1.1 Breve história do capitalismo	14
2.1.2 Pilares do capitalismo	17
2.1.3 A Burguesia	18
2.1.4 Os proletários	19
2.2 RESISTENCIA	20
3 ARTE E RESISTÊNCIA	23
3.1 ARTE, TRABALHO E BREVE HISTÓRIA DA ARTE	23
3.1.1 Arte no capitalismo	28
3.2 EXEMPLOS DE RESISTÊNCIA POR MEIO DA ARTE	29
3.2.1. Brasil, música popular na resistência à ditadura	29
3.2.2 Chile, arpillera na resistência à ditadura	30
3.2.3 Palestina, tatreez na resistência ao colonialismo	31
4 ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NO SERVIÇO SOCIAL	33
4.1 A QUESTÃO SOCIAL	33
4.2 SERVIÇO SOCIAL E SEU SURGIMENTO	34
4.2.1 O surgimento do serviço social	35
4.2.1 O surgimento do serviço social no Brasil	38
4.3 O CÓDIGO DE ÉTICA	40
4.4 ARTE E SERVIÇO SOCIAL	42
4.4.1 Arte no símbolo da profissão	42
4.4.2 Arte como instrumento de intervenção	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

A arte é uma manifestação humana para expressar ou representar algo. Com isso ela pode ser instrumento de resistência de grupos e movimentos sociais, e instrumento de intervenção nas expressões da questão social. Diante disso, o presente trabalho busca saber como é a relação entre arte, resistência e serviço social.

Para isso, primeiramente, faz necessário mostrar que se existe resistência, é porque existem relações de poder, em que um grupo oprime outro grupo para conservar seus privilégios. Portanto, a resistência é recusar a subordinação imposta pela classe dominante nas relações de poder.

Em uma sociedade capitalista marcada pela violação de direitos, resistir é lutar para existir, é quase como (re)existir. E diante de tantas expressões da questão social, existem muitas maneiras de resistir, por exemplo por meio da arte, usada seja para preservar uma cultura, manifestar, protestar, reivindicar direitos, entre outros.

O serviço social, que está a favor das lutas de grupos minorizados, pode usar da arte como instrumento de intervenção. Com isso, será desbravado a temática da arte como resistência, resgatando uma série de exemplos. Como o da música popular brasileira no período ditatorial brasileiro; As arpilleras da mulheres chilenas (uma técnica têxtil de retalhos) na ditadura de Pinochet e o Tatreez, o bordado que as mulheres palestinas realizam em resistência ao colonialismo de Israel.

Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo geral: compreender a arte como elemento de resistência e intervenção. E tem como objetivos específicos: explicar as categorias capitalismo e resistência; Refletir sobre a categoria arte e como se vincula com a resistência, e; Evidenciar como o serviço social pode utilizar da arte como instrumento de intervenção profissional.

Para tal realização, a pesquisa fundamenta-se em uma metodologia com as seguintes características: Pesquisa Bibliográfica e com perspectiva histórico crítica, de abordagem qualitativa, dado que é a pesquisa qualitativa, que nas ciências sociais, se preocupa com a realidade que não dá para ser quantificada, pois se instaura num cenário de significados, crenças, valores, atitudes, entre outros elementos Minayo (2001), e esse trabalho se preocupa justamente com essas questões. Dessa forma, para tal, foram utilizados para a pesquisa artigos, livros, teses e dissertações. Foram consultadas as bases de pesquisa com Scielo, CFESS e Google Acadêmico no período de setembro de 2025 a julho de 2026. Para a análise da pesquisa bibliográfica os materiais foram organizados e sintetizados conforme as categorias de análise (Capitalismo, resistência,

arte e resistência, serviço social e arte), posteriormente foi realizada uma interpretação crítica do conteúdo.

Assim, a pesquisa começa com uma breve história do capitalismo, passando pela história da arte e como se vincula com a categoria resistência, chegando ao serviço social, e como assistentes sociais podem usar a arte como instrumento de intervenção. Dessa maneira, o trabalho se organiza em 3 capítulos: 1- Capitalismo e resistência, 2- Arte e resistência e 3- Arte como instrumento de intervenção do serviço social.

O capítulo Capitalismo e resistência se divide nos tópicos capitalismo, breve história do capitalismo, pilares no capitalismo, burguesia, proletariado e resistência. Aqui primeiramente se trata uma breve introdução conceitual e histórica do capitalismo, e posteriormente se abordará sobre a resistência tentando entender o que ela é.

Já o capítulo Arte e resistência traz à arte, trabalho e breve história da arte; arte no capitalismo; exemplos de resistência por meio da arte (com os exemplos citados acima). Nesse ponto se tenta trazer a definição do que é arte e a sua história, desde os primórdios da humanidade. Logo em seguida se vincula com a resistência, dado que a arte pode ser uma ferramenta de manifestação, reivindicação, protesto, memória etc.

E no último capítulo Arte como instrumento de intervenção do serviço social se coloca sobre a questão social; serviço social e seu surgimento; o surgimento do serviço social; o surgimento do serviço social no Brasil; o código de ética; arte e serviço social; arte no símbolo da profissão e arte como instrumento de intervenção. Aqui primeiramente se elucida o que é a questão social, pois é ela o que faz a existência do serviço social, para assim falar do serviço social e de seu surgimento no mundo e no Brasil. Posteriormente, se tratará do código de ética da profissão, para assim chegar ao fazer profissional usando a arte como instrumento de intervenção nesse mundo capitalista.

Isso posto, a seguir veremos como se vinculam as categorias capitalismo e resistência, e posteriormente como a arte pode ser usada como ferramenta de resistência.

2 CAPITALISMO E RESISTÊNCIA

Neste item, será mostrado como as categorias capitalismo e resistência se vinculam. Para isso, primeiramente, será realizado um breve debate conceitual sobre o capitalismo. Subsequente, será analisada a categoria resistência, mostrando como a classe trabalhadora resiste diariamente no mundo capitalista, evidenciando então, a relação entre tais categorias.

2.1 CAPITALISMO

Em linhas gerais, o capitalismo é um tipo de organização social e econômica, que visa o lucro, e propriedade privada e divide a sociedade em classes sociais: a que detém os meios de produção e a trabalhadora. Tem um modo de produzir de maneira que gera lucro para os donos do meio de produção, e em que os indivíduos que não são donos do meio de produção necessitam vender sua força de trabalho de maneira exaustiva para sobreviver. Marx (2013, p. 877), menciona que “a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a de gradação moral no polo oposto”. Em outras palavras, a classe dominante, que é detentora dos meios de produção, acumula grandes riquezas, às custas da classe trabalhadora, à medida que essa é pauperizada, pois possui apenas sua força de trabalho para vender. Para compreender melhor, a seguir se mostrará brevemente a história do capitalismo.

2.1.1 Breve história do capitalismo

Se considerarmos a historicidade do mundo e da humanidade, o modo de produção capitalista é recente. Então como se origina o modo de produção capitalista? Primeiramente é necessário pensar na história da humanidade. O surgimento do ser humano, tem uma longa jornada de evolução biológica e social, é rodeado de mistérios sobre sua existência e história, trazendo muitos questionamentos, por exemplo: como os humanos se tornaram humanos, como se deu a constituição de sociedades complexas e como certos grupos concentraram poder. Foram necessários milênios de história e acontecimentos para que o modo de produção capitalista pudesse emergir, evidenciando assim que o capitalismo não possui uma condição natural ou perpétua.

O modo de produção capitalista vem de uma transição do modo de produção feudal, que declinava. Marx (2013), menciona que crescia a manufatura de lã de ovelha, com isso os senhores feudais expulsaram os servos de suas terras, para

transformar as terras de lavoura em pastagem de ovelhas, por ser mais lucrativo. Outro ponto do declínio é a nobreza feudal arrasada com as guerras feudais. Esses elementos deram espaços para a ascensão da burguesia e criaram os proletários livres, que:

expulsos pela dissolução dos séquitos feudais e pela expropriação violenta e intermitente de suas terras, esse proletariado inteiramente livre não podia ser absorvido pela manufatura emergente [...] Converteram-se massivamente em mendigos, assaltantes, vagabundos, em parte por predisposição, mas na maioria dos casos por força das circunstâncias. Isso explica o surgimento, em toda a Europa ocidental, no final do século XV e ao longo do século XVI, de uma legislação sanguinária contra a vagabundagem. (MARX, 2013, p. 980)

Tais leis, colocavam penas como açoitamento, encarceramento e até execução dos “vagabundos” que não estivessem trabalhando. Além disso, outro elemento para a ascensão do capitalismo foi o processo de colonização:

A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. (MARX, 2013, p. 998)

Em outras palavras, a invasão e exploração de outras terras e povos, proporcionaram terreno fértil para a acumulação de riquezas dos colonizadores. Portanto, o declínio do feudalismo na Europa e a exploração colonial de outros continentes constituíram condições históricas indispensáveis para a ascensão e consolidação do capitalismo.

Cabe colocar que o capitalismo desde então se transmuta em outras roupagens como industrial e o monopolista. Na contemporaneidade, o capitalismo vigente é o monopolista que, de acordo com BRAGA e MAZZUCHELLI (1981, p. 193 - 194): “o desenvolvimento do capital a juros que faz dos aspectos financeiro-creditícios e financeiro-monetários os determinantes par excellence da estruturação monopólica do capital e do movimento do capital monopolista”.

Detalhando um pouco mais, para compreender o capitalismo é preciso saber que o capital é composto pelos os meios de produção que geram mais valor. Em relação a transformação do capital, Marx coloca que:

Num primeiro momento, dinheiro e mercadoria são tão pouco capital quanto os meios de produção e de subsistência. Eles precisam ser transformados em capital. Mas essa transformação só pode operar-se em determinadas circunstâncias, que contribuem para a mesma finalidade: é preciso que duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias se defrontem e estabeleçam contato; de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra de força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho. Trabalhadores livres no duplo sentido de que nem integram diretamente os meios de produção, como os

escravos, servos etc., nem lhes pertencem os meios de produção, como no caso, por exemplo, do camponês que trabalha por sua própria conta etc., mas estão, antes, livres e desvinculados desses meios de produção. Com essa polarização do mercado estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista. (MARX, 2003, p. 961- 962)

Nesse sentido, o dinheiro e a mercadoria são transformados em capital, por meio da relação social entre os possuidores dos meios de produção e dos que possuem somente a força de trabalho para vender. Nessa relação, os proletários produzem mais do ganham, e o que é produzido tem um acréscimo de valor, chamado mais valor (representado por “D-M-D” - dinheiro, mercadoria, dinheiro + incremento, o mais valor). Em outras palavras, o capital é constituído pelos meios de produção que geram lucro para o capitalista na exploração da classe trabalhadora.

Cabe mencionar, que no capitalismo coisas inimagináveis podem se tornar mercadoria e servir sua perpetuação, como a dor, violência e até a morte. Valencia (2010) traz acerca do Capitalismo Gore. A autora coloca que:

Tomamos el término Gore de un género cinematográfico que hace referencia a la violencia extrema y tajante. Entonces, con Capitalismo Gore nos referimos al derramamiento de sangre explícito e injustificado (como precio a pagar por el Tercer Mundo que se aferra a seguir las lógicas del capitalismo, cada vez más exigentes), al altísimo porcentaje de vísceras y desmembramientos [...] (TRIANA, 2010, p. 15)

No capitalismo gore, a violência é grotesca, é ferramenta de poder, é espetacularizada e se torna entretenimento, pelos meios de comunicação, banalizando a dor e servindo ao capitalismo. Valencia (2010) explica isso com exemplo do crime organizado no México: no capitalismo e dentro da lógica neoliberal existe o desejo de hiperconsumo, com isso, em especial os homens, que são socialmente pressionados a ser provedores, sucumbem a violência extrema como maneira de empoderamento e acumulação. Diante disso, o capitalismo reforça opressões e diversas violências como machismo, racismo, xenofobia, entre outras, o que nutre o medo e conflitos, desmobilizando a classe trabalhadora. Além disso, o capitalismo necessita de alguns outros pilares, que serão abordados a seguir.

2.1. 2 Pilares do capitalismo

Ainda sobre o capitalismo, de acordo com Fraser (2021) na Boitempo:

É uma forma de organização, não apenas da produção e troca econômicas, mas da relação da produção e da troca com uma ampla gama de relações, atividades e processos sociais, tidos como não econômicos, que tornam a economia possível.

Para a referida autora, o capitalismo não é só um sistema econômico, é uma ordem social institucionalizada, que além de organizar a maneira de produzir e

trocar, também organiza as relações sociais. Ademais o capitalismo necessita de processos e elementos não econômicos para seguir “funcionando”. Fraser coloca que existem quatro condições não econômicas sem as quais uma economia capitalista não poderia existir: condição da reprodução social, condição ecológica, a riqueza confiscada das populações subjugadas, e poder público. Em relação a reprodução social no capitalismo inclui:

As atividades que criam, socializam, nutrem, sustentam e reabastecem os seres humanos que ocupam cargos na economia. Você não pode ter uma economia capitalista sem “trabalhadores” que produzem mercadorias sob a égide de empresas com fins lucrativos. E você não pode tê-los sem os “cuidadores” que reproduzem seres humanos em ambientes externos à economia oficial. O cuidado inclui a gestação, o parto, a amamentação, a alimentação, o banho, a socialização, a educação, a cura, a proteção, o consolo – em suma, tudo o que é essencial para sustentar seres que são ao mesmo tempo biológicos e sociais. (FRASER, 2021, Boitempo)

Ou seja, antes do trabalhador assumir seu posto, é necessário que tenha condições para conseguir realizar seu trabalho, é necessário que simplesmente tenha as condições mínimas para existir. E para isso é fundamental que os trabalhadores tenham cuidadores, historicamente, quase sempre o trabalho contínuo de cuidado é direcionado às mulheres, sendo não remunerado.

Já sobre a condição ecológica é colocado que:

O capital depende, em suma, da “natureza” – primeiro, das substâncias específicas apropriadas diretamente pela produção; e segundo, das condições ambientais gerais, tais como ar respirável, água potável, solo fértil, níveis do mar relativamente estáveis, um clima habitável e assim por diante. (FRASER, 2021, Boitempo)

Isto é, o capitalismo depende da exploração intensiva da natureza, e condições ambientais mínimas para a sobrevivência da classe trabalhadora. Isso, entretanto, é algo paradoxal, pois, à medida que devasta o planeta e seus viventes, também os necessita.

A respeito da riqueza confiscada das populações subjugadas:

Quase sempre dominadas racialmente, essas populações são destinadas à expropriação – e não à exploração. Privadas da proteção estatal e de direitos ativáveis, suas terras e trabalho podem ser tomados sem remuneração para serem canalizados para os circuitos de acumulação[...] A produção capitalista não seria lucrativa sem um fluxo contínuo de insumos baratos, incluindo recursos naturais e trabalho não livre ou dependente, confiscados de populações sujeitas à conquista, escravidão, troca desigual, encarceramento ou dívida predatória e, portanto, incapaz de contra-atacar. (FRASER, 2021, Boitempo)

Em outros termos, no capitalismo, territórios, recursos naturais e vidas são expropriados, quase sempre de grupos vulneráveis, para gerar mais lucro e fortalecer o poder dos capitalistas. Por isso, também é mencionado por Fraser (2021) que o

capitalismo é necessariamente imperialista, e que fortalece a opressão racial-imperial.

E no que concerne o poder público:

A acumulação não pode prosseguir sem a atuação desse poder em seu núcleo histórico: sem sistemas jurídicos que garantam a propriedade privada e as trocas contratuais. Também são essenciais as forças repressivas que administram a dissidência, acabam com as rebeliões e reforçam as hierarquias de status que permitem às corporações expropriar populações dominadas racialmente em casa e no exterior. E o sistema também não pode funcionar sem regulamentações e os bens públicos, incluindo as infraestruturas de vários tipos e da oferta monetária estável. Estes recursos são indispensáveis para a acumulação; contudo, eles não podem ser fornecidos pelo mercado. Em vez disso, eles só podem ser garantidos pelo exercício do poder público. (FRASER, 2021, Boitempo)

Assim dizendo, o capitalismo requer que o poder público atue seja com repressão a manifestações da classe trabalhadora, seja para criar regulamentações a favor do capitalista, ou para criar políticas públicas para mitigar as expressões da questão social, para assim manter as condições mínimas de sobrevivência da classe explorada.

Como comentado, o modo de produção capitalista, tem um modo de produzir de maneira que gera lucro para os donos do meio de produção, e em que os indivíduos que não são donos do meio de produção necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver, dividindo a sociedade em classes sociais, a burguesia e proletariado. No Manifesto Comunista é elucidada essas classes sociais e como ocorre a relação entre elas: Burguesia e proletariado, como detalharemos a seguir.

2.1. 3 A Burguesia

No que se refere a classe dominante, a burguesia, é formada pelos detentores dos meios de produção. Marx e Engels (1997, n. p.) colocam que “A condição essencial para a existência e para a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de privados, a formação e multiplicação do capital [...]”. Em outras palavras, para a burguesia é imprescindível acumular e multiplicar riqueza.

Sobre sua origem trazem:

O descobrimento da América, a circum-navegação de África, criaram um novo terreno para a burguesia ascendente. O mercado das Índias orientais e da China, a colonização da América, o intercâmbio [Austausch] com as colônias, a multiplicação dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comércio, à navegação, à indústria, um surto nunca até então conhecido, e, com ele, um rápido desenvolvimento ao elemento revolucionário na sociedade feudal em desmoronamento. (MARX, ENGELS. 1997, n.p.)

Portanto, com a exploração de outros territórios, houve um grande desenvolvimento na sociedade feudal em crise, como no âmbito do comércio e industrial, dando espaço para a burguesia acumular riquezas e acender com um mercado para além

dos feudos. Assim, a burguesia que era oprimida pelos senhores feudais, foi consolidando certo poderio. Marx e Engels (1997) argumentam que: “A burguesia desempenhou na história um papel altamente revolucionário. A burguesia, lá onde chegou à dominação, destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas” porém “não aboliu as oposições de classes. Apenas pôs novas classes, novas condições de opressão, novas configurações de luta, no lugar das antigas”. Dessa forma, a classe burguesa foi revolucionária, no entanto só substituiu a forma de exploração:

Resolveu a dignidade pessoal no valor de troca, e no lugar das inúmeras liberdades bem adquiridas e certificadas pôs a liberdade única, sem escrúpulos, de comércio. Numa palavra, no lugar da exploração encoberta com ilusões políticas e religiosas, pôs a exploração seca, directa, despudorada, aberta [...] Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência em trabalhadores assalariados pagos por ela. (MARX, ENGELS. 1997, n.p.)

Desde então, ela explorara a classe que somente lhe restara a força de trabalho para vender, o proletariado. Esses, foram perdendo autonomia de seu trabalho, à medida que a burguesia se desenvolvia, dado que para sobreviver a nova dinâmica, os trabalhadores eram submetidos a severa exploração e expropriação..

2.1. 4 Os proletários

Sobre os proletários, estão desprovidos de propriedade (Marx, Engels. 1997, n.p.), restando somente sua força de trabalho para vender aos capitalistas. Marx e Engels (1997, n.p.) mencionam que:

O trabalho dos proletários perdeu, com a extensão da maquinaria e a divisão do trabalho, todo o carácter autónomo e, portanto, todos os atractivos para os operários *. Ele torna-se um mero acessório da máquina ao qual se exige apenas o manejo mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender. Os custos que o operário ocasiona reduzem-se por isso quase só aos meios de vida de que carece para o seu sustento e para a reprodução da sua raça.

Ou seja, no modo de produção capitalista, o proletariado perde sua autonomia, tem uma jornada de exploração da força de trabalho que se resume apenas a sua sobrevivência e de sua prole. Essa maneira de operar ocorre desde os primórdios do capitalismo até a presentidade, podendo apresentar outras roupagens, mas sempre com o mesmo intuito de explorar a classe trabalhadora, para acumulação de riqueza da classe dominante. Como o capitalismo é dinâmico, as maneiras de exploração da classe trabalhadora são multifacetadas. Na contemporaneidade, alguns autores falam do novo proletariado. Ricardo Antunes no "O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviço na era digital" aborda as novas dimensões do mundo do trabalho, em que a classe trabalhadora é explorada de novas formas, com as inovações tecnológicas:

[...] o chamado teletrabalho e/ou home office, que se utiliza de outros espaços fora da empresa, como o ambiente doméstico, para realizar suas atividades laborativas. Isso pode trazer vantagens, como economia de tempo em deslocamentos, permitindo uma melhor divisão entre trabalho produtivo e reprodutivo, dentre outros pontos positivos. Mas com frequência é, também, uma porta de entrada para a eliminação dos direitos do trabalho e da seguridade social paga pelas empresas, além de permitir a intensificação da dupla jornada de trabalho, tanto o produtivo quanto o reprodutivo (sobretudo no caso das mulheres). Outra consequência negativa é a de incentivar o trabalho isolado, sem sociabilidade, desprovido do convívio social e coletivo e sem representação sindical. (ANTUNES, 2018, n. p.) [...]

Em linhas gerais, com os avanços tecnológicos e os trabalhos remotos, a classe dominante encontra outras maneiras de explorar e burlar os direitos da classe trabalhadora.

o que temos é mais precarização, mais informalidade, mais subemprego, mais desemprego, mais trabalhadores intermitentes, mais eliminação de postos de trabalho, menos pessoas trabalhando com os direitos preservados. Para tentar “amenizar” esse flagelo, propaga-se em todo canto um novo subterfúgio: o “empreendedorismo”, no qual todas as esperanças são apostadas e cujo desfecho nunca se sabe qual será. (ANTUNES, 2018, n. p.)

Em outras palavras, é nesse contexto de mais precarização, que se propagam ideias do “seja você seu chefe”, “trabalhe enquanto eles dormem”, entre outros. Além de desembocar no discurso da meritocracia. Portanto a classe trabalhadora resiste diariamente aos ataques da classe burguesa. Nesse sentido, “os proletários nada têm de seu a assegurar, têm sim de destruir” (Marx, Engels. 1997, n.p.). Isso posto, vamos ao próximo item do presente trabalho, a resistência.

2.2 RESISTÊNCIA

Neste trabalho, parte-se do entendimento de que na sociedade capitalista, a resistência é uma resposta necessária, dada às relações de poder, em que um grupo oprime outro grupo para conservar seus privilégios. Portanto, a resistência é recusar a subordinação imposta pela classe dominante nas relações de poder. De acordo com Lorenz e de Almeida (2015, p. 12): ““Resistir”, desde a etimologia, remete às virtudes militares. Uma de suas acepções é “manter-se firme””. E diante de tantas expressões da questão social, que como coloca Iamamoto (2022, p. 24) “expressa a profunda banalização da vida, contra a qual se rebela nas trilhas da resistência coletiva”, resistir é lutar para existir, é quase como (re)existir. Portanto a resistência:

Inclui a defesa de saberes, posições, pontos de vista, bem como as realizações e a potencialidade criadora daí decorrentes. Assim, a resistência que ocorre em um determinado espaço social é, também, uma busca de afirmação de outra visão, é defesa de conhecimento, de percepções e de construções. A resistência se caracteriza como a defesa de projetos em espaços de lutas onde há o cruzamento de várias ordens: mútuo apoio, reforço, identificação de visões e objetivos

compartilhados e antagônicos, convivência, hostilização, conflito ou confronto direto. (MISOCZY; FLORES; BÖHM. 2008, p. 185)

Ou seja, a resistência é a defesa do subordinado contra os ataques do dominador. Tal defesa visa assegurar direitos desde aspectos sociais a culturais, como exemplo: a classe trabalhadora, reivindicando melhores condições de trabalho, as mulheres resistindo ao patriarcado, pessoas negras resistindo ao racismo, indígenas também resistindo ao racismo e lutando pela preservação de seus saberes, pessoas com deficiência resistindo ao capacitismo, pessoas do campo em prol da reforma agrária resistindo aos grandes latifúndios, as populações do sul global que resistem ao imperialismo, entre outros. Cabe colocar que nos movimentos sociais a resistência ganha potência, dado que mudanças e conquista de direitos vem do coletivo. Segundo Aldana:

Resistir implica desplegar una fuerza en detrimento de otras que intentan someterla y reducirla. Es hacer uso de la potencia propia para dificultar el ejercicio de poderes de dominación y, en cambio, producir el poder de la afirmación de la vida, construyendo interacciones positivas y pasiones gozosas que irradian calor y promueven el tejido afectivo de la sociedad. En el mundo de lo social esto se vive en el escenario de los encuentros entre seres humanos, caracterizados por ser diversos y estar mediados por instituciones y estructuras de poder. La fuerza de la resistencia no hay que buscarla, entonces, en la capacidad de oponerse, de ser-contra; ya que ésta se encuentra instalada en la misma potencia afirmativa de la vida. (ALDANA, 2003, p. 10)

Como colocado Aldana, e de uma maneira até poética, resistir é afirmar a vida. Se usa a força de viver e interações que fortalecem o tecido afetivo social contra as forças de dominação. Com isso, para entender a categoria resistência, se faz fundamental explicitar a relação entre resistência/dominação. Acerca da dominação, Aldana, coloca:

El poder de dominación se revela organizado minuciosamente para que toda la sociedad responda a los impulsos, necesidades, discursos e intereses del grupo que ha copado el centro político y económico de los conglomerados humanos. El centro irradia su influencia hacia los circuitos en los que se organiza la totalidad de la sociedad. Las instituciones; las organizaciones; los imaginarios; las costumbres; las maneras de comer y de amar, de celebrar la vida y ritualizar la muerte, de producir y recrear el mundo, de concebir la relación con la naturaleza, de crear y hacer circular el conocimiento, etc. van siendo incorporados a dispositivos que funcionan como una gran máquina social que pretende capturar y homogenizar las formas y estilos de vida singulares, intentando así anular su autonomía. Este es un plano del movimiento social, por medio del cual el centro acrecienta su poder al atrapar la energía creativa de la multitud. (ALDANA, 2003, p. 3)

Quer dizer, a classe dominante se organiza para que a classe dominada responda aos seus interesses. Uma das maneiras de se operar e usando e influenciando instituições, organizações e até os costumes da sociedade para anular sua autonomia.

Nesse sentido Araldi também coloca que:

Na sociedade contemporânea, por sua própria complexidade, as colisões de valores também se acirram e se complexificam. Há momentos em que a resistência parece estar sendo minada, controlada pela direção posta. No entanto, para cada

forma de opressão, criam-se defesas, resistências e, concomitantemente os meios de enfrentá-la, ou vive-versa[...] Os movimentos sociais, as produções teóricas, a arte, a ciência, os movimentos “relâmpagos” são, entre outros, manifestações desta afirmação. Esta é a vida, o modo de ser e de agir dos humanos, pois só aos humanos foi outorgada a condição de se (re) construírem como seres sociais, na história e pela história. (ARALDI, 2007, p. 65)

Além disso, “El proceso de urbanización capitalista hace aún más complicados estos procesos pues diluye los territorios y convierte la mayor parte de las relaciones entre los seres humanos en encuentros casuales, apresurados, temporales e impersonales.” (ALDANA, 2003, p. 13). Então diante disso, como resistir? O próprio autor plateia o seguinte questionamento:

¿hasta qué punto lo subordinado, lo siempre excluido o cooptado, puede ahora poner en juego la potencia procedente de su creatividad para propiciar rupturas del modelo dominante, para no depender de éste, para devenir en lugares de autonomía y emancipación?” (ALDANA, 2003, p. 10)

Aldana argumenta la importancia de:

fortalecer los lazos de confianza, las prácticas de solidaridad y hospitalidad ante el dolor y la muerte y dar lugar a nexos de calor, de afecto, que permitan el ritual, la escritura, el entusiasmo; en fin, las “técnicas de si” necesarias para construir un territorio ético y estético que potencie la acción y la fuerza que concierne a lo vivo. Se trata de respaldar la búsqueda de alternativas humanas fundadas en la autonomía y la co-gestión de proyectos de vida para la convivencia [...] (ALDANA, 2003, p. 10)

Assim, para propiciar rupturas do modelo dominante, é necessário práticas de solidariedade, que abram espaço para construir um território ético e estético, para fortalecer as alternativas necessárias para se chegar à autonomia da classe dominada e outros projetos societários.

Em suma, em um mundo capitalista, em que uma classe fragmenta, manipula, explora e domina outra classe, a solidariedade e coletividade são pilares fundamentais da resistência. Isso porque a classe dominada resiste todos os dias das suas vidas à exploração desse modo de produção, que agudiza cada vez mais as desigualdades, como racismo, xenofobia, machismo, capacitismo, entre outras várias expressões da questão social, desencadeando resistência interseccional. Somada a solidariedade e os encontros coletivos, a arte também é uma maneira de resistir. Isso posto vamos ao próximo capítulo que tratará da arte como resistência.

3 ARTE E RESISTÊNCIA

Como mencionado anteriormente, uma das maneiras de resistir é por meio da arte. Com isso, esse item visa mostrar brevemente a história da arte, e como arte e resistência se vinculam. Além disso, se mostrará quem está resistindo por meio da arte, colocando alguns exemplos de resistência ao redor do mundo, sempre tendo em conta que não é romantizar a dor, é dar visibilidade a classe que tem seus direitos violados.

3.1 ARTE, TRABALHO E BREVE HISTÓRIA DA ARTE

O que é arte? Definir o que é arte pode ser complexo. Muitas vezes o pensar em arte é relacionado ao belo, porém a arte também pode ser crua e causar espanto. Em linhas gerais, ela é uma manifestação humana para expressar ou representar algo, seja por meio do visual, áudio ou audiovisual, imprimindo o contexto na qual está inserida e conferindo a ela um trabalho humano. De acordo com Fischer (1983, p. 21): “a arte é quase tão antiga quanto o ser humano. É uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade característica do homem”. Além do mais, Fischer (1983, p. 20) coloca que “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”. Sobre sua origem o autor (Fischer, 1983, p. 19) menciona que:

A arte em sua origem foi magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe. Esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social.

Complementando a ideia, Strickland e Boswell (2002, n.p.) mencionam que: “o aumento da inteligência trouxe a imaginação e a habilidade de criar imagens esculpidas e pintadas. A arquitetura nasceu com a construção de monumentos destinados a rituais”. Com isso, para compreender a história da arte faz-se necessário voltar aos primórdios da história da humanidade. O ser humano, esse ser dotado de capacidade teleológica e de cultura, foi resultado de uma longa e misteriosa jornada. Tal jornada remonta desde à concepção do universo, passando por uma série de eventos, como a origem da vida, até a própria existência do ser humano, sua evolução cognitiva, e como adquiriu o pensamento simbólico (sobre a origem desses eventos existem diversas correntes de pensamento, como o de divindades criadoras, teoria do big bang, teoria da sopa primordial, teoria do início da vida em fontes hidrotermais, entre outras.)

Em relação à evolução cognitiva e ao pensamento simbólico, é difícil

precisar o momento que ocorreu, porém existem vários elementos encontrados ao redor do mundo que ajudam a estimar o momento de transição do desenvolvimento da inteligência humana (algumas descobertas sugerem que ferramentas rudimentares de pedra são anteriores ao gênero taxonômico *Homo*, mostrando o desenvolvimento gradual da inteligência). Alguns exemplos de provas materiais antigas encontradas são: ferramentas, armas, agulhas, roupas, pinturas rupestres, estatuetas, entre vários outros elementos. E para elaboração desses elementos com o intuito útil e/ou mágico, foi necessário a transformação da natureza pelo trabalho. Fischer Coloca que o trabalho teve papel fundamental para o homem desenvolver as características que o fazem humano, como linguagem e abstração:

Sem o trabalho – sem a experiência da utilização de instrumentos – o homem jamais poderia ter desenvolvido a linguagem como imitação da natureza e como sistema de signos representativos de atividades e objetos, isto é, como abstração. O homem criou palavras articuladas e diferenciadas não só por ser capaz de dor, alegria e surpresa, mas por ser capaz de trabalhar, por ser uma criatura que trabalhava (Fischer, 1983, p. 36)

Assim, com o desenvolvimento gradual da inteligência, culminando na capacidade teleológica e de dar significados, surge o que se pode chamar de ser humano. E é a arte um dos meios que atesta o início do pensamento simbólico, característica fundamental que diferiu o humano de outros animais. Com isso, se inicia a história da arte, partindo desde a arte pré-histórica e passando por diversos períodos, intenções e locais. Sobre descobertas de alguns desse elementos:

Ainda que estejam em aberto as questões de como, quando e dentre quais grupos hominídeos a arte surgiu, estudos recentes afirmam que as primeiras formas de ornamentação e motivos decorativos emergiram em África a cerca de 70.000 a.C..³⁸ Trata-se de um padrão diamante geométrico raspado e um hachurado desenhado com um ocre vermelho. Essa descoberta torna-os, possivelmente, alguns dos exemplares deliberadamente decorativos mais antigos descobertos até então. Fator que, além de dessacralizar a crença tradicional em uma origem europeia da arte, ampliou o horizonte cronológico do desenvolvimento comportamental do homem anatomicamente moderno. (FRATTINI 2023, p.121)

Dessa maneira, a descoberta da gravura (conforme a figura 1), caracteriza como das mais antigas encontradas até o momento, atestando ao menos 70.000 a presença do pensamento abstrato do homem. Outra descoberta importante é a do O Homem Leão de Hohlenstein-Stadel (conforme a figura 2). Sobre o Homem Leão de Hohlenstein-Stadel :

Homem Leão, (32.000 a.C) parte homem, parte leão. Ele é tratado como uma das evidências fulcrais da capacidade de fundir o conceito de homem e animal em uma categoria abstrata; fator que efervesce o debate acerca das origens da religião precisamente por abarcar a possibilidade e a habilidade de imaginar a existência de coisas que não existem no mundo material. (FRATTINI 2023, p.126)

Desse modo, o Homem Leão, pode ter surgido vinculado a magia e espiritualidade, que como comentado anteriormente, a arte estava ligada a esses elementos. Abaixo as descobertas encontradas.

Figura 1 - Gravura encontrada na Caverna de Blombos



Fonte:

https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-invencao-da-expressao-simbolica-pelos-primeiros-artistas_347

Figura 2 - Homem Leão de Hohlenstein-Stadel



Fonte:

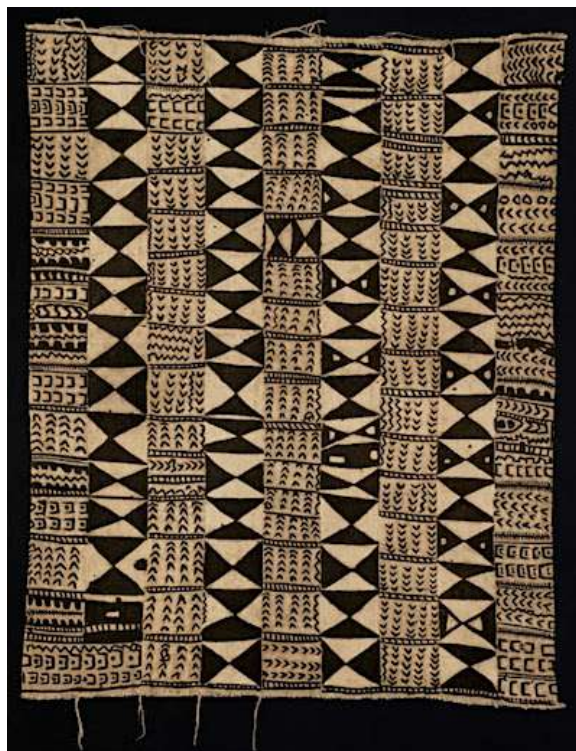
https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-invencao-da-expressao-simbolica-pelos-primeiros-artistas_347

São muitos os exemplos de objetos que mostram o caráter abstrato do ser humano. Com a graduação dessa capacidade, o ser humano desenvolveu artes praticamente inesgotáveis ao redor do mundo. Entretanto, tradicionalmente a história e história da arte são divididas em períodos históricos (Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea), quase sempre com enfoque eurocêntricos:

A história da arte enquanto disciplina enraizada na história cultural ocidental – e sua influência sobre territórios colonizados – opera por meio da distinção, interpretação e legitimação da arte predominantemente localizada no Ocidente, tendendo a ignorar aquilo que é produzido no restante do mundo ou está fora de suas instituições, uma vez que procura selecionar apenas o que pode ser incluído em sua estrutura narrativa, sem que a primazia do regime estético ocidental seja verdadeiramente comprometida. (Reinaldim, 2021, p. 224)

Portanto é fundamental adotar perspectivas que abarquem outros territórios e que não sejam eurocentristas, dado que arte está por todo mundo, desde a arte têxtil, como o Bongalan de Mali, até a arquitetura, como as mesquitas. Seguem os exemplos abaixo

Figura 3 – Tecido tradicional de Mali: Bogolan.



Fonte: <https://www.contemporary-african-art.com/bogolan-mudcloth.html>

Figura 4 – Mesquita de Nasir al-Mulk, conhecida como "Mesquita Rosa"



Fonte:

<https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/11/fotografo-amador-capta-simetria-de-mesquitas-no-ira-em-imagens-incriveis.html>

Esses são alguns exemplos de arte que, talvez, não tem a visibilidade como uma pintura renascentista, mas são tão importantes quanto. Diversos grupos e populações não têm o reconhecimento merecido, e resistem à cultura hegemônica. Com isso, a seguir será tratado no que concerne a arte no capitalismo.

3. 1.1 Arte no capitalismo

No capitalismo a arte pode ser usada numa perspectiva mercadológica e por outro lado como instrumento de resistência. Sendo assim, cabe mostrar essa contradição. Goes (2023, p. 3) traz que:

Na contemporaneidade, acontece um antagonismo, se por um lado a arte é utilizada como uma ferramenta para a promoção da emancipação social, confrontando os desafios globais, como a desigualdade, a injustiça e a exclusão, por outro lado o mercado da arte constitui um mecanismo de validação, assente na construção de valor especulativo, subvertendo os valores, essência e função social da arte.

Em outras palavras, para os grupos subalternos a arte pode ser um instrumento poderoso de resistência, a dita arte popular é um exemplo disso. Já no capitalismo a arte passa a ter perspectiva puramente mercadológica, como a cultura de massa, que aliena. Contudo, houve um momento no qual a arte não havia sido incorporada ao capitalismo. Fischer expõe que (1983, p. 60):

Por muito tempo o capitalismo encarou a arte como algo suspeito, frívolo e opaco “A arte não dava lucro”. A sociedade pré-capitalista tendia para extravagância, para o gasto amplo e sem controle, para prodigalidade no divertimento e para a promoção das artes. O capitalismo acarretou o cálculo sóbrio e a contenção puritana. Em sua forma pré-capitalista a riqueza fora volátil e centrífuga: a riqueza capitalista contudo demandava constante acumulação e concentração, permanente auto incremento.

É dizer, a arte nos primórdios do capitalismo não teve importância por não dar lucro, e ser considerada até um gasto dispensável. Isso, porém, muda pois “para o capitalista, o luxo pode significar satisfação para seus desejos privados, mas implica também ostentação de riqueza com o meio de obter crédito e prestígio” (Fischer, 1983, p. 61).

Ademais, no modo de produção capitalista a arte, esse produto do trabalho humano, muitas vezes é reduzida a uma padronização para os interesses do mercado. Scherer (2016, p. 53) coloca que: “a sociedade capitalista esvazia o potencial crítico da arte como uma dimensão da vida humana [...] a arte vem se tornando uma mercadoria [...]”.

Em contraponto a arte tem o papel social crucial de manifestar, protestar,

reivindicar direitos, denunciar, preservar identidades e culturas, criar memória entre outros. Além do mais, a arte também é lazer, então, diante disso, existem mecanismos de incentivo a arte e cultura, no Brasil por exemplo, a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, visa o financiamento da cultura.

Com isso, depois de traçado este breve panorama da história da arte, a seguir será mencionado alguns exemplos de resistência por meio da arte.

3.2 EXEMPLOS DE RESISTÊNCIA POR MEIO DA ARTE

3.2.1. Brasil, Música Popular na resistência à ditadura

O Brasil viveu períodos sombrios no período ditatorial (1964 a 1985). Com isso, artistas da música criavam canções “camufladas” para criticar a ditadura. Uma dessas canções é a de Chico Buarque “Apesar de Você”. Segue a letra:

[...] Hoje você é quem manda
Falou, 'tá falado
Não tem discussão, não
A minha gente hoje anda falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser outro dia [...]

A música fala da opressão que se viveu na ditadura e da esperança de um novo dia. Cabe sempre lembrar que nesse período pessoas foram sequestradas, torturadas e mortas. Nesse momento então:

Cantores e compositores resistiam ao regime militar por meio das canções de protestos apresentadas nos festivais que agitaram a televisão brasileira na época. Surgiram nomes como Edu Lobo e sua música “Arrastão”, Geraldo Vandré com a canção “Disparada” e Chico Buarque que em 1969 lançou “Apesar de você”, canção esta que foi proibida pela censura por ter se tornado um hino da resistência (Maia; Stankiewicz, n.d., n. p.)

Assim, artistas e outras categorias resistiram à opressão e censura. Alguns chegaram a ser presos, exilados, e até mortos. Vladimir Herzog, por exemplo, foi um jornalista que a ditadura assassinou. Assim, ditadura foi um período que deve ser lembrado, mas nunca defendido. Além do Brasil, outros países da América Latina, sofreram graves ditaduras. Um exemplo é o Chile, que será mostrado a seguir

3.2.2 Chile, Arpilleras na resistência à ditadura

O Chile também sofreu os horrores de uma Ditadura. As mulheres registravam seu posicionamento com as arpilleras, uma técnica têxtil usando retalhos para representar imagens e com mensagens de resistência. De acordo com Lobos (2026):

En el contexto de pobreza, represión y desarticulación social que caracterizaron la dictadura chilena, las arpilleras emergieron como una práctica colectiva que articuló subsistencia material, denuncia política y elaboración simbólica del sufrimiento. Lejos de constituir simples expresiones artesanales, estas piezas textiles, producidas principalmente por mujeres de sectores populares, se configuraron como dispositivos ético-políticos situados, capaces de confrontar la violencia estatal y la precarización estructural desde el espacio cotidiano. (LOBOS, 2026, n.p)

Abaixo se mostra um exemplo de uma arpillera.

Figura 5 – Arpilleras Chilenas



Fonte: <https://www.laizquierdadiario.cl/Arpilleras-relatando-desde-el-desecho-el-arte-de-resistencia>

Nesse sentido, as arpilleras surgiram com as mulheres, para a denúncia dos horrores da ditadura de Pinochet. O uso de retalhos era uma maneira de reutilizar os tecidos num tempo de escassez. Outro grupo de mulheres que também resistem por meio da arte são as mulheres palestinas, como se mostrará a seguir.

3.2.3 Palestina: tatreez na resistência ao colonialismo

O povo palestino vive momentos violentos com o controle, repressão e

genocídio por parte de Israel desde a decisão da ONU em 1948. “A ocupação militar da Palestina desde 1948, após a decisão arbitrária da ONU de estabelecer o Estado de Israel em um território já habitado por povos palestinos, criou um conflito que se estendeu ao longo das últimas décadas” (Omais; Sammour, Santos, 2025, p. 8) Assim o povo palestino vem resistindo há décadas. As mulheres palestinas resistem por meio do Tatreez (bordado em arabe) como forma de identidade e memória (conforme figura 6).

Figura 6 – Tatreez com bandeiras da Palestina



Fonte:

https://www.inaash.org/blogs/news/palestinian-embroidery-stitching-the-fabric-of-identity-and-resistance?srltId=AfmBOorFO_Txw-p_hMmrc9yDmUuv0Jp52I70PtRoVk_2yYss7CojJtK4

O exemplo acima mostra bordados da bandeira palestina, reivindicando o direito ao território e a vida do povo palestino. Ao redor do mundo existe a solidariedade ao povo Palestino, o CFESS por exemplo, publicou a seguinte nota:

O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), entidade que organiza e representa a categoria de assistentes sociais no Brasil, expressa sua indignação e contrariedade ao massacre brutal e desumano promovido pelo governo de Israel contra o povo de Gaza, e a comunidade palestina. Manifestamos nossa profunda solidariedade com o povo de Gaza e, também, nosso apoio à luta dos/as assistentes sociais da "Ossim Shalom – Social Workers for Peace and Social Welfare", e os/as profissionais que participaram da “Conferência contra crimes de ódio: onde estão os profissionais?”. Lamentamos por todas as pessoas que foram mortas ou prejudicadas na história desse conflito, especialmente crianças, mulheres, idosas e pessoas com deficiência. É necessário que assistentes sociais de todas as partes do mundo denunciem e se contraponham a qualquer forma de arbítrio, discriminação, preconceito e violação de direitos humanos. (CFESS, 2014,

n. p.)

Assim o serviço social se solidariza com a Palestina, visto que a profissão está em favor das lutas sociais de grupos minorizados (mais adiante serão mostrados os princípios fundamentais do serviço social). Desse modo, a seguir virá o próximo capítulo.

4 ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NO SERVIÇO SOCIAL

Muitas categorias profissionais lidam com as expressões da questão social. Isso é trabalho social. O serviço social insere-se nessa categoria de profissões que intervêm nas expressões da questão social. E para a intervenção pode se usar de diversas ferramentas, uma delas é a arte. Portanto, para evidenciar essa relação, neste capítulo, primeiramente se tratará da questão social, objeto de intervenção da profissão, e em seguida será resgatada uma breve história do serviço social. E então, finalmente se mostrará como a profissão pode se relacionar com a arte e como os assistentes sociais podem usá-la como instrumento de intervenção. Diante disso, a seguir acerca da questão social.

4.1 A QUESTÃO SOCIAL

Para entender a história do serviço social, é necessário compreender o capitalismo (que foi abordado no 1 capítulo) e também a questão social, dado que é por sua existência que existe a profissão e os profissionais. Em linhas gerais, a questão social é um termo para se referir a complexa dinâmica e dura realidade que o capitalismo gera, com variados males, negligências, desigualdades e fatalidades, conferindo as expressões da questão social. E é uma questão, pois com as reivindicações da classe trabalhadora se tornou uma questão para a agenda do Estado. O Estado tem papel fundamental de mitigar as expressões da questão social, mas apenas mitigar, e assim conter as manifestações que ameaçam a ordem capitalista. Iamamoto traz que:

A questão social diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, indispensável sem a intermediação do estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana [...] A questão social expressa portanto disparidades, econômicas políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnicas-raciais e formações regionais [...] (IAMAMOTO, 2001, p. 16- 17)

Ou seja, a questão social é intrínseca ao modo de produção capitalista. Este produz e acentua diversas desigualdades para se perpetuar, começando pelo próprio modo de produzir e acumular, que ocasiona em classes sociais. Com isso, a questão social é produto do capitalismo. Detalhando um pouco mais a expressão, Netto coloca que:

Parece que começou a ser utilizada na terceira década do século XIX e foi divulgada até metade daquela centúria por críticos da sociedade e filantropos situados nos mais variados espaços do espectro político. A expressão surge para dar conta do fenômeno mais evidente da história da Europa Ocidental que experimentava o impacto da Primeira onda industrializante iniciado na Inglaterra no último quarto do século XVIII: trata-se do fenômeno do pauperismo. (NETTO, 2001, p. 42)

É dizer, com a onda industrializante, acarretou um novo fenômeno, a pauperização, então diante dessa nova dinâmica surge a expressão questão social, pelos críticos e filantropos. Posterior a gênese da expressão, Netto (2001) explana que deixa de ser usada por críticos sociais e passa a ser vocabulário do pensamento conservador. Com os eventos de 1848, a era progressista cessa. A questão social começa a ser naturalizada como desdobramento da sociedade moderna, requisitando apenas reformas e de caráter moral.

Em seguida, movimentos da classe trabalhadora se dão conta que era necessário compreensão teórica para explicar esse antagonismo existente entre classes. Nesse ponto é publicado O Capital, de Marx, que evidencia a relação da questão social com o capitalismo.

Mais tarde, com o estado de bem estar social, os marxistas e estudiosos do campo social, mostravam que melhorias na classe trabalhadora, não mudaram a estrutura exploradora do modo de produção capitalista. Um exemplo foi a ofensiva neoliberal evidenciando que nessa dinâmica não existe compromisso social. Então, com o declínio do estado de bem estar social se mostra uma nova pobreza, e com isso alguns intelectuais defendem que existe uma nova questão social.

Netto (2001) porém, defende que não existe uma nova questão social, mas sim novas expressões (manifestações) da questão social. Dado que a questão social é produto do capitalismo, ela seguirá vigente enquanto este também seguir. Portanto, enquanto houver capitalismo, existirá serviço social para intervir nas expressões da questão social. Feita essa pequena introdução sobre a questão social, a seguir sobre o serviço social.

4.2 O SERVIÇO SOCIAL E SEU SURGIMENTO

O serviço social atualmente é concebido como uma profissão, porém no seu início era algo liminar, visto que ainda não era totalmente consolidado como profissão. Iamamoto observa que:

O Serviço Social brasileiro contemporâneo apresenta uma feição acadêmico-profissional e social renovada, voltada à defesa do trabalho e dos trabalhadores, do amplo acesso a terra para a produção de meios de vida, ao compromisso com a afirmação da democracia, da liberdade, da igualdade e da justiça social no terreno da história. Nessa direção social, a luta pela afirmação dos direitos de cidadania, que reconheça as efetivas necessidades e interesses dos sujeitos sociais, é hoje fundamental como parte do processo de acumulação de forças em direção a uma forma de desenvolvimento social inclusiva para todos os indivíduos sociais. (IAMAMOTO, n.d., p. 4)

Em linhas gerais, o serviço social brasileiro adota uma perspectiva a favor da classe trabalhadora, desde a formação até a profissão. Acerca do fazer profissional o CFESS define como:

Trabalhador Social ou Assistente Social atua no âmbito das relações entre os sujeitos sociais e, entre eles, o Estado. Desenvolve um conjunto de ações de caráter socioeducativo que incidem na reprodução material e social da vida, com indivíduos, grupos, famílias, comunidades e movimentos sociais numa perspectiva de transformação social. Essas ações visam: fortalecer a autonomia, a participação e o exercício da cidadania; capacitar, mobilizar e organizar os sujeitos, individual e coletivamente, garantindo o acesso a bens e serviços sociais; a defesa dos direitos humanos; a salvaguarda das condições socioambientais de existência; e a efetivação dos ideais da democracia e o respeito à diversidade humana. Os princípios de defesa dos direitos humanos e da justiça social são elementos fundamentais para o Trabalho Social, para que esse trabalho se realize com vistas a combater a desigualdade social e as situações de violência, de opressão, de pobreza, de fome e de desemprego (CFESS, 2011, n.p.)

Desse modo, assistentes sociais desenvolvem ações visando a transformação social no contexto dos indivíduos sociais. Atualmente são muitos os espaços ocupados por assistentes sociais como na política de assistência, na saúde, na educação, na gestão das políticas, entre outros campos. Sempre na direção de defesa dos direitos, justiça social, entre outros princípios que serão vistos adiante. Importa mencionar que a profissão nem sempre foi assim, por isso cabe relatar brevemente a história do serviço social, que se mostrará a seguir.

4.2.1 O surgimento do serviço social

Enquanto a pauperização crescia com o capitalismo, e a classe trabalhadora se manifestava, era necessário que houvesse intervenções nesse cenário. Martinelli (p. 66) traz que:

Burguesia, Igreja e Estado uniram-se em um compacto e reacionário bloco político, tentando coibir as manifestações dos trabalhadores eurocentrais, impedir suas práticas de classe e abafar a sua expressão política e social. Na Inglaterra o resultado material e concreto dessa união foi o surgimento da Sociedade de Organização da Caridade em Londres, em 1869, congregando os reformistas sociais que passavam agora a assumir formalmente, diante da sociedade burguesa constituída a responsabilidade pela racionalização e pela normatização da prática da assistência. Surgiram assim, no cenário histórico os primeiros assistentes sociais como agentes executores da prática da Assistência Social, atividade que profissionalizou sobre a denominação do “serviço social” acentuando seu caráter de práticas de prestação de serviços. (MARTINELLI, 2000, p. 66)

Ou seja, Burguesia, Estado e Igreja formaram uma tríade poderosa para silenciar as manifestações da classe trabalhadora. A partir disso são criadas instituições que racionalizaram a assistência, uma das primeiras que se tem registro é a mencionada

pela autora, a Sociedade de Organização da Caridade em Londres, em 1869. Assim surgem os primeiros assistentes sociais. Cabe frisar que foi nesse ponto que a assistência começou a ser racionalizada, mas que já existia assistência, porém com um tom de caridade. Martinelli coloca que:

Desde a antiguidade há referência à prática da assistência com essa conotação. No velho Egito, na Grécia, na Itália, na Índia, enfim, nos mais diferentes pontos do mundo antigo a assistência era tarefa reservada às confrarias, que têm sua origem nas confrarias do deserto, cujo o surgimento remonta a 3000 anos antes de Cristo, com o objetivo de facilitar a marcha das caravanas no deserto. Muitos anos mais tarde, porém ainda na época pré-cristão, as confrarias se estenderam para as cidades buscando, por analogia, ajudar a caminhada daqueles que sofriam, por privações, pela dor, por doença, perdas ou rupturas. A ajuda, nessa fase da história da humanidade, concretizava-se na esmola esporádica, na visita domiciliar, na concessão de gêneros alimentícios, roupas, calçados, enfim, em bens materiais indispensáveis para melhorar o sofrimento das pessoas necessitadas. (MARTINELLI, 2000, p. 96)

Posterior a isso, a referida autora menciona que:

Com o advento do cristianismo, a assistência ampliou a sua base, fundamentando-se não só na caridade mas especialmente na justiça social. Enfatiza-se também a dimensão espiritual da assistência, nessa nova fase (MARTINELLI, 2000, p. 97)

Porém, mesmo com assistência fundamentando-se na justiça social, Martinelli (2000) evidencia que foi a caridade com os pobres que sempre esteve vinculada a ela. E sobre a denominação de caridade foram realizadas muitas práticas de dominação e repressão, inclusive pela própria igreja, que se uniu com a burguesia.

Com isso, já no período capitalista, o qual produz a questão social, a assistência é racionalizada e serve de instrumento de controle da tríade Burguesia, Igreja e Estado, que criaram a já mencionada Sociedade de Organização da Caridade. E de acordo com Martinelli (2000), eram realizadas visitas domiciliares e inquéritos sociais para concessão de auxílios, a troco de impor o modo de pensar capitalista a classe mais pauperizada. Ainda segundo Martinelli (2000, p. 104): “sua principal bandeira de luta era a organização científica da assistência, o que levava a uma posição bastante alienada do agravamento da “questão social” propriamente dita”. Assim sendo, a Sociedade cresceu e teve grande prestígio num cenário de crescente pauperização. Desse modo:

Em 1893, a sede inglesa da Sociedade ofereceu um primeiro Curso de Formação de Visitadores Sociais Voluntários, em Londres. A boa acolhida dessa iniciativa levou a realização de novos cursos da mesma natureza, nas cidades americanas de Wisconsin e Cincinnati, em 1894. (MARTINELLI, 2000, p. 104)

Portanto, esses foram dos primeiros cursos que tratavam da assistência social, porém ainda não era uma escola de serviço social. Por conseguinte, com o agravamento da pauperização, era necessário mais qualificação dos agentes sociais.

Martinelli evidencia que:

Partilhando plenamente da tese que postulava a criação de escolas de serviço social como forma de qualificar os agentes para o exercício profissional, Mary Richmond da sociedade de Organização da Caridade de Baltimore, exerceu importante papel no sentido de torná-la realidade. Além de difundir-la, durante a realização da Conferência Nacional de Caridade e Correção, em 1897, em Toronto, propôs que se criasse uma escola para o ensino de filantropia aplicada. (MARTINELLI, 2000, p. 106)

Ainda de acordo com Martinelli (2000), os argumentos de Richmond foram escutados na conferência, e em 1898, em Nova York, é organizado e realizado o curso de aprendizagem da aplicação científica da filantropia, que desembocaria no ano seguinte e no mesmo local, a criação da primeira Escola de Filantropia Aplicada. Dessa maneira:

Sob responsabilidade da Sociedade de Organização da Caridade passaram a ser ministrados cursos regulares destinados à formação de agentes sociais voluntários. A influência de Richmond foi marcante nesse processo, devendo-se a ela a organização e a regência dos primeiros cursos de filantropia aplicada. Acolhendo a concepção dominante na sociedade burguesa de que os problemas sociais estavam associados a problemas de caráter, Richmond concebia a tarefa assistencial como eminentemente reintegradora e reformadora de caráter. Atribuía a grande importância ao diagnóstico social como estratégia para promover a reforma e para reintegrar o indivíduo à sociedade. (MARTINELLI, 2000, p. 106)

Diante disso, Martinelli (2000) deslinda que as ideias de Richmond iam a favor da classe burguesa, essa esperava a reforma de caráter e melhorias na saúde dos trabalhadores para a volta ao mercado de trabalho. Assim suas ideias foram aceitas com sucesso. Retomando acerca da Escola de Filantropia Aplicada:

Ainda no ano de 1899 foi fundada a primeira escola europeia, em Amsterdam, Holanda. Nesse mesmo ano, Alice Salomon iniciou em Berlim cursos para agentes sociais, que acabaram por dar origem à primeira escola alemã em 1908. (MARTINELLI, 2000, p. 107)

Como se nota, as instituições que racionalizavam o conhecimento sobre assistência foram aumentando. Sendo assim, em 1916, a Sociedade de Organização da Caridade organiza a I Conferência Nacional de Trabalhadores Sociais, na qual Richmond traz a proposta de nomenclatura da profissão como trabalho social, com o intuito de se desvincular de práticas caritativas ou religiosas (Martinelli, 2000). Enquanto isso, ainda de acordo com a autora, na Europa as Organizações mantiveram a expressão serviço social:

Para essas, o antigo lema medieval da assistência, "fazer o bem", era marca persistente do "serviço social", atividade caracterizada pela disposição de servir, pela doação pessoal, mais do que pela profissionalização propriamente dita (MARTINELLI, 2000, p. 112)

Assim, Europa e Estados Unidos seguiram perspectivas diferentes:

nos Estados Unidos enfatizou-se muito a busca de conhecimentos científicos, especialmente no contexto da psicologia, da psicanálise, da medicina e até mesmo do direito. A ênfase na abordagem individual e apreensão do serviço social como atividade reformadora do caráter [...] A linha psicanalítica do serviço social

americano foi substituída na Europa pela sociológica, assim como a abordagem individual cedeu lugar à grupal. O pensamento sociológico que florescia na Europa nesses anos iniciais do século xx, era, porém um pensamento nitidamente conservador (MARTINELLI, 2000, p. 114 - 115)

Em resumo os Estados Unidos tinham a perspectiva do trabalho social vinculado a psicologia e abordagem individual, enquanto a Europa ficava com o serviço social, ligado ao pensamento sociológico emergente e com a doutrina da Igreja. No Brasil a profissão ficaria denominada serviço social, enquanto nos outros países da América Latina trabalho social.

Na latinoamérica, de acordo com Castro (2000), a primeira escola de trabalho social foi no Chile, em 1925, com o médico Alejandro del Rio, subordinada à profissão médica. Alguns anos depois a profissão se consolidou no Brasil, como se evidenciará a seguir.

4.2.2 O surgimento do serviço social no Brasil

No Brasil, de acordo com Martinelli (2000), o serviço social emerge na década de 30, sendo uma iniciativa da burguesia e Igreja, vinculado à perspectiva europeia. Nesse momento o contexto era de um país passando por grandes transformações políticas e sociais. Emergia a República Nova, que como menciona Martinelli (2000), buscava resgatar um clima de harmonia social, dada as lutas da classe operária, e para isso se uniu com igreja e setores da burguesia. Com isso:

Em São Paulo, numa conjugação de esforços da nascente burguesia e de setores da própria Igreja Católica havia sido criado, na esteira do movimento constitucionalista de 1932, o Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo - CEAS, que desempenhou um importante papel no sentido de qualificar os agentes para a realização da prática social. Nesse centro, como fruto da iniciativa dos cônegos de Santo Agostinho, no Brasil realizou-se o primeiro curso de preparo para o exercício da ação social, que sob a denominação de Curso Intensivo de Formação Social Para Moças, foi ministrado pela assistente social belga Adele de Loneux, da Escola Católica de Serviço Social de Bruxelas. A clientela desse primeiro curso foi constituída por jovens católicas, algumas já participantes de atividades assistenciais ou militantes de movimentos da Igreja, de todas pertencentes a famílias da burguesia paulista. (MARTINELLI, 2000, p. 123)

Dessa forma, os primórdios do serviço social no Brasil, bebeu do serviço social europeu. Conforme Martinelli (2000), isso muda quando Getúlio Vargas, por motivos políticos e econômicos, estreita relações com os Estados Unidos, pois, com isso houve um acercamento com o serviço social estadunidense:

A aproximação com a experiência americana de serviço social foi amplamente facilitada, através de um programa de intercâmbio cultural, assim como foi aberta ao Brasil a possibilidade de participar de programas continentais de bem-estar social, já ao longo da década de 40. Ambas as ofertas inseriam-se em um plano político mais amplo, configurando estratégia dos Estados Unidos para ganharem

hegemonia no continente. (MARTINELLI, 2000, p. 132)

Martinelli (2000), menciona que esses programas dos Estados Unidos eram ferramentas para ganhar espaço na América Latina. Nesse ponto então, o serviço social brasileiro tinha influência europeia e estadunidense, essa última porém sofre uma mudança. Martinelli (2000) menciona que a abordagem individual passa a ser de grupo e posteriormente de comunidade, dado a Crise de 29 e a 2 guerra mundial. Assim, foi no cenário de serviço social de comunidade, no final da década de 40, que as assistentes sociais brasileiras realizaram intercâmbio para os Estados Unidos, importando essa perspectiva para o Brasil.

No que concerne a prática das primeiras assistentes sociais no Brasil, Iamamoto traz que:

No período de 1937 - 1940, as estatísticas apontam o atendimento de 9130 interessados nos diversos serviços prestados com base no Serviço Social dos Casos Individuais. A tese de conclusão de curso de uma terceirista da Escola de Serviço Social sobre seu trabalho no Departamento de Serviço Social fornece uma interessante amostra de casos [...] “1. Encaminhando o interessado a assistência vicentina para obtenção de auxílio em vales. 2. Tendo quatro filhos menores, foram encaminhados ao parque infantil. 3. Foi prestada assistência médica no domicílio, em virtude de se encontrar o interessado muito doente. 4. Após algum tempo, não podendo chefe de família trabalhar por se achar doente, houve concessão de auxílio monetário, num total de 600\$000. 5. Continuando o interessado enfermo, foram-lhe concedidos e a outras pessoas da família, passes de estrada de ferro a fim de se dirigirem a uma cidade do interior. Não tendo havido melhora, depois de algum tempo voltaram novamente a esta capital (novos passes concedidos) 6. Concedeu-se internação dos filhos menores (4 e 2 anos) em instituições adequadas. 7. Solicitou-se a legalização da situação da esposa do interessado, que é estrangeira, a procuradoria de serviço social. 8. Orientação moral: família desorganizada, o interessado era casado e, tendo abandonado a esposa, passou a viver com a atual companheira que, pelo seu lado, também era casada, abandonada pelo marido” (IAMAMOTO; CARVALHO, 2006, p. 191 - 193).

Esses foram alguns exemplos resgatados por Iamamoto das intervenções das primeiras assistentes sociais no Brasil. Iamamoto e Carvalho (2006) também mencionam que chegou um ponto que a demanda de assistentes sociais era tão grande, que nas instituições de ensino eram ofertadas bolsas para acelerar esse processo de formação de assistentes sociais.

Nesse momento, o serviço social tradicional brasileiro em sua maioria não tinha uma perspectiva crítica e de consciência social, porém de maneira gradual, o serviço social foi incorporando uma perspectiva mais crítica. Cabe colocar que o país passou por diversos períodos, como o de industrialização, desenvolvimentista e ditadura (1964 a 1985) que afetavam a profissão. Diante disso, a profissão passa por um movimento de renovação, em que Netto (2017) evidencia que primeiramente houve uma modernização conservadora, em que o assistente social passou a desenvolver atividades de cunho mais

burocrático e administrativo para operacionalizar o desenvolvimento capitalista; depois a reatualização do conservadorismo, que busca resgatar o serviço social tradicional com uma lente moderna; e a intenção de ruptura, que busca romper com o serviço social tradicional e incorpora uma perspectiva mais crítica. Nesse cenário em conjunto com a universidade foi incorporando o marxismo, e tendo discernimento da importância de juntar-se com a luta da classe trabalhadora. Todo esse movimento se transmuta no serviço social contemporâneo, que está com a classe trabalhadora e em defesa de direitos.

Aqui também importa mencionar alguns outros marcos na história do serviço social, por exemplo a Lei nº 8.662 de 1993 que dispõe sobre a profissão de Assistente Social. Tal lei dispõe sobre os critérios para exercer a profissão, competências, atribuições privativas, sobre o CFESS, entre outros elementos.

E com o transcorrer do movimento histórico, foram sendo elaborados códigos de ética, espelhados no período vivido, e para dar direcionamento aos profissionais de como atuar. A seguir será comentado o código de ética vigente.

4.3 CÓDIGO DE ÉTICA

O código de ética é um instrumento que traz os princípios, deveres e direitos da(o)s assistentes sociais seja com seus pares, com outras categorias profissionais e com a população usuária. É a consolidação de muita luta das assistentes sociais:

A dinâmica deste processo que conduziu à consolidação profissional do Serviço Social materializou-se em conquistas teóricas e ganhos práticos que se revelaram diversamente no universo profissional. No plano da reflexão e da normatização ética, o Código de Ética Profissional de 1986 foi uma expressão daquelas conquistas e ganhos, através de dois procedimentos: negação da base filosófica tradicional, nitidamente conservadora, que norteava a “ética da neutralidade”, e afirmação de um novo perfil do/a técnico/a, não mais um/a agente subalterno/a e apenas executivo/a, mas um/a profissional competente teórica, técnica e politicamente. (BRASIL, 2012, p. 19-20)

Cabe colocar que antes do vigente código de ética (de 1993), outros existiram. Entretanto, ele é uma impressão do movimento do real e das lutas profissionais, dessa forma com adoção de outro posicionamento, de superação da ordem capitalista, na profissão, foram sendo formulados outros códigos até chegar ao atual. Araldi comenta que:

Assim, o Código de Ética de 1993 pressupõe: a liberdade como valor ético central, defesa intransigente dos direitos humanos, aprofundamento e consolidação da cidadania, equidade e justiça social, eliminação de formas de preconceito e a garantia do pluralismo, compromisso com a qualidade dos serviços prestados: o que remete à luta no campo democrático popular; pela construção de uma nova ordem societária, que possa superar a ordem social, econômica e política que está

hegemonicamente constituída na atualidade, que é a sociedade capitalista. (ARALDI, 2007)

Importa explicitar os princípios fundamentais dispostos no código de ética:

Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais; II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo; III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras; IV. Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida; V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática; VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; VII. Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual; VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero; IX. Articulação com os movimentos de outras categorias profissionais que partilhem dos princípios deste Código e com a luta geral dos/as trabalhadores/as; X. Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional; XI. Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física. (BRASIL, 2012, p. 23 - 24)

Esses princípios são as guias para assistentes sociais no fazer profissional, seja nos deveres, atribuições e direitos. Aqui cabe colocar alguns exemplos dos deveres:

contribuir para a viabilização da participação efetiva da população usuária nas decisões institucionais; b- garantir a plena informação e discussão sobre as possibilidades e consequências das situações apresentadas, respeitando democraticamente as decisões dos/as usuários/as, mesmo que sejam contrárias aos valores e às crenças individuais dos/as profissionais, resguardados os princípios deste Código; c- democratizar as informações e o acesso aos programas disponíveis no espaço institucional, como um dos mecanismos indispensáveis à participação dos/as usuários/as; d- devolver as informações colhidas nos estudos e pesquisas aos/as usuários/as, no sentido de que estes possam usá-los para o fortalecimento dos seus interesses; e- informar à população usuária sobre a utilização de materiais de registro audiovisual e pesquisas a elas referentes e a forma de sistematização dos dados obtidos[...] (BRASIL, 2012, p. 29)

Como mencionado, o serviço social está com a classe trabalhadora, defendem a justiça social, os direitos, enfim, assistentes sociais apoiam as lutas sociais e buscam fortalecer a autonomia dos indivíduos sociais. Assim, baseado no código de ética, assistentes sociais realizam o fazer profissional. E para intervir a arte pode ser um instrumento. Comentado isso, agora se evidenciará a proposta deste trabalho, a arte

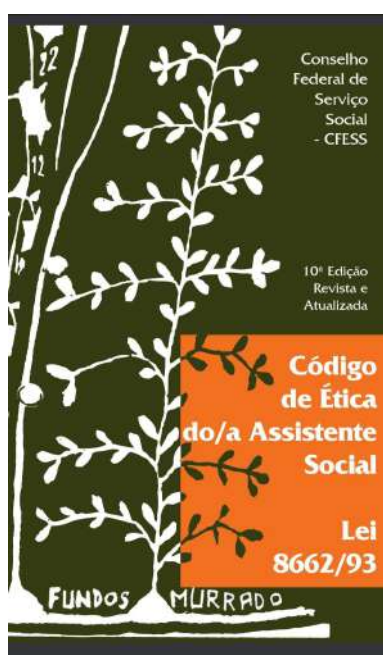
como instrumento de intervenção profissional. Vejamos o próximo capítulo Arte e Serviço social.

4.4 ARTE E SERVIÇO SOCIAL

4.4.1 Arte no símbolo da profissão

Para começar, a arte está no próprio código de ética e no símbolo do serviço social, conforme a imagem a seguir:

Figura 7 – Capa do código de ética



Fonte: https://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf

Essa arte é uma referência e homenagem ao Bispo do Rosário com sua obra “Fundos Murrado”. O código de ética traz que:

a concepção da capa não é, em absoluto, aleatória. A figura lendária de Arthur Bispo do Rosário significa a homenagem do CFESS a cada usuário das políticas e serviços sociais, em nome do respeito, qualidade e responsabilidade nos termos dos princípios firmados por este Código que nossa ética profissional pretende assegurar. A imagem de Bispo procura ainda reconhecer e enaltecer os esforços dos vários segmentos sociais, políticos e profissionais que se mobilizam pelo compromisso ético com a liberdade, equidade e democracia. (BRASIL, 2012, p. 15)

Trazendo outros detalhes, do CFESS:

o CFESS, a partir dos anos 1990 (na gestão 1996-1999), adotou uma referência na obra de Arthur Bispo do Rosário – fundos murrado –, que se encontra estampada na capa do Código de Ética Profissional [...] esse homem, diagnosticado como paranóico-esquizofrênico, viveu por mais de quarenta anos internado em hospitais psiquiátricos, onde executou a maior parte de sua obra artística, composta por mais de mil peças, e tornou-se uma das referências para as gerações de artistas

brasileiros dos anos 1980 e 1990. (CFESS, 2026, p. 22)

Vale lembrar que o serviço social esteve na luta antimanicomial. Portanto, essa foi uma maneira de homenagear o Bispo do Rosário, e as pessoas usuárias das políticas sociais, referenciando sua obra. Abaixo fotos do Bispo do Rosário e do casaco com a obra “Fundos Murrado”

Figura 8 – Bispo do Rosário



Fonte: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>

Figura 9 – Casaco Bispo do Rosário “Fundos Murrado”



Fonte: <https://museubispodorosario.com/portfolio/casaco/>

Portanto, desde o símbolo da profissão, se nota o compromisso do serviço social com as lutas sociais de grupos subalternizados. E para a garantia dos princípios fundamentais e intervenção profissional, a arte pode ser um poderoso instrumento. Dessa forma vejamos o próximo item.

4.4.2 Arte como instrumento de intervenção

Como mencionado, esse trabalho se propõe a evidenciar como serviço social e arte podem se relacionar, como a arte pode ser usada como instrumento de intervenção profissional:

Nesse processo de desvelamento do real, a arte pode ser uma importante estratégia. As mais variadas expressões artísticas (como música, pintura, poesia, dança, teatro, fotografia etc.) podem retratar a realidade dos sujeitos e despertá-los para uma série de questões que perpassam o seu cotidiano. Assim, é possível utilizar a arte como instrumento na atuação profissional do assistente social, já que ela possibilita a problematização de questões que estão presentes no dia a dia dos trabalhadores. (PAULA; SOUZA; FREITAS. 2022, n. p.)

Assim, a arte, seja visual, áudio, audiovisual, ou tátil, etc, podem ser usadas como estratégia na atuação profissional não apenas de assistentes sociais como também de outras categorias. Dado que a arte pode expressar e problematizar questões do cotidiano da classe trabalhadora, as manifestações artísticas conferem voz aos sujeitos, representando um grande feito na resistência às expressões da questão social:

Através da Arte é possível ao sujeito romper com alienação, pois enquanto atividade emancipadora, assim como o trabalho, a filosofia, a política e a ética, a arte possibilita o enfrentamento das expressões da questão social por se constituir uma possibilidade concreta de efetivação do ser social. Ao trabalhar os temas que permeiam a realidade, com a

Arte, é possível tocar em temas pouco comentados socialmente, levando os indivíduos a conhecerem a sua história e desta maneira, poderem atuar criticamente para conquistar a emancipação social. (SANTOS, MENDONÇA. 2015, n. p.)

Ademais:

É através da arte que a classe trabalhadora pode romper com o processo de alienação, ao expressar em suas obras a realidade de sua categoria, a exploração do proletariado, retratando em suas obras a luta de classes, contribuindo para despertar um estágio de reflexão, na sociedade consumista, contribuindo desta forma para promover nos sujeitos um despertar das consciências coletivas para a realidade na qual estão inseridos, rompendo assim com a alienação. (SANTOS, MENDONÇA. 2015, n. p.)

Dessa maneira, com a arte, a classe trabalhadora pode perceber que é explorada, e representar e reivindicar seus direitos. Com isso, a classe trabalhadora, assistentes sociais e outras categorias profissionais no trabalho social, junto com arte, podem ser um grande ponto de confluência para o fortalecimento de processos emancipatórios da classe trabalhadora.

Nesta perspectiva a arte e o Serviço Social têm como ponto em comum ser instrumentos que levam a um despertar da consciência crítica dos sujeitos, de forma que possibilitem ao homem alcançar a sua independência socioeconômica, política e cultural, fazendo com que o indivíduo através da sua própria consciência alcance uma postura crítica, em que o conhecimento seja o meio que capacita e atua na construção da sua própria história. E assim contribuir para melhorar o mundo em que vive. (SANTOS; MENDONÇA. 2015, n. p.)

Um exemplo do uso da arte:

A letra de uma música que conta o cotidiano de determinada comunidade tem potência para mobilizar, possibilitar mudanças, gerar reconhecimento de si mesmo dentro de uma sociedade e, a partir disso, gerar no sujeito uma particularidade. Ao trazer a perspectiva do pensar o que é estar no mundo, ela remete à criticidade de um tempo, ao reconhecimento das contradições que coloca os sujeitos diante das questões cotidianas que são consequências de uma sociedade dividida em classes, fragmentada nos debates raciais, sociais e de gênero que foram minimizados nas configurações da sociedade atual. (LEÃO, 2025, p. 370)

Ademas, Leão (2025) em sua pesquisa, traz experiências concretas do uso da arte no serviço social. Um exemplo mencionado foi o da assistente social denominada Frida khalo, que comenta a experiência realizada com jovens inseridos em atividades de Medidas Socioeducativas, na qual foram reunidos adolescentes de diversos Centro de Referência de Assistência Social - CRAS - para grafitar uma escadaria:

Grafitar uma escadaria por meio de uma intervenção artística institucional como Frida menciona possibilita diálogos com a realidade, estreitando relações com os jovens inseridos na medida socioeducativa, abrindo uma compreensão sobre o direito à cidade, por exemplo, e das reais necessidades em eleger tal trabalho como atividade promotora de sociabilidade. (LEÃO, 2025, p. 72)

Importa frisar que o ponto de estreitar relações com os jovens e comunidade é fundamental. Outro exemplo que Leão (2025) coloca é o do assistente social Van Gogh, que trabalha em um programa sociocultural com adolescentes

tinha um adolescente, aluno de violão, que estava passando por um processo de depressão severa, mais que apresentava algumas potencialidades que eu não tinha conhecimento. então comecei atendê-lo e descobrir nele a arte do desenho, ele gostava de desenhar mangá, personagens de quadrinhos, enfim desenhos muito bem feitos [...] eu visualizo nesse adolescente um potencial artístico e começo a dialogar com ele a partir disso [...] eles, então passaram a ser o canal de diálogo e abertura para uma mediação. Esse diálogo permeável ali a partir do desenho como linha norteadora da conversa e intervenção. Porque você gosta de desenhar assim? O que significa? E a partir daí houve o acompanhamento dele, da depressão, como ele se sentia no polo, quais as demandas familiares [...] (LEÃO, 2025, p. 137 - 138)

Além disso, é possível pensar em outras manifestações artísticas no fazer profissional e resistência às expressões da questão social, como teatro, cinema, poesia, bordado, entre muitas outras manifestações artísticas. Dessa forma é fundamental que assistentes sociais estejam a favor da defesa e ampliação de políticas culturais.

A cultura, enquanto política de Estado, precisa ter as mesmas garantias institucionais de qualquer outra área. Por tudo isso, é importante termos assistente sociais na política cultural. Assistentes sociais, assim como tantas(os) outras(os) profissionais, inserem-se nesse campo de trabalho da cultura. Nossas competências e atribuições privativas consolidam-se para viabilizar o direito à arte e à cultura como trabalho, expressão, acesso, espaço do sensível, de humanização e de sociabilidade. Uma política cultural popular é necessária para o Brasil. (CFESS, 2026, p. 15)

Esse debate é importante, dado que não se tem muito conhecimento de assistentes sociais a nível de políticas culturais. Acesso a essas políticas pelos indivíduos sociais deveria ser algo do cotidiano. Assim é fundamental que assistentes sociais defendam e estejam ocupando as políticas culturais. Outro detalhe importante de trazer, é que seria importante um aprofundamento de cultura, arte e serviço social na formação acadêmica. De acordo com Leão trazendo a fala do assistente social Van Gogh:

[o uso da arte como mediação] vai muito da formação é a parte da formação profissional que a gente não tem e isso é empecilho para que gente possa atuar dessa forma, não aparecendo com o arcabouço técnico operativo para que a gente possa instrumentalizar nosso fazer profissional. Além disso, temos outro ponto que é subjetividade do indivíduo, que é não ter familiaridade com a arte, da arte por não ser garantida como direito na nossa sociedade, o que tem como consequência não visualização da arte como possibilidade no nosso fazer.(LEÃO, 2025, p. 247)

Com isso, importa levar esse debate a universidade, assim estudantes, o curso, universidade, a profissão, profissionais e os indivíduos que acessam as políticas teriam muito a ganhar. Abordar como pode se dar a intervenção por meio da arte, como

ela pode se encaixar na dimensão técnico-operativa, e além disso fazer ponte para as outras dimensões teórico-metodológica e ético-política.

A mediação da arte se expressa no cotidiano profissional do(a) assistente social através da dimensão técnico-operativa como meio prático de execução do trabalho mas que envolve as duas outras dimensões que interagem conjuntamente no exercício profissional: as dimensões as teórico-metodológica e ético-política [...] Toda e qualquer intervenção profissional do serviço social deve ser manejada sob uma perspectiva crítica, ultrapassando a superficialidade imposta pelo cotidiano e pela rotina de trabalho institucional. (LEÃO, 2025, p. 259)

Assim se nota que é possível levar também esse tema à formação profissional. Arte e serviço social podem se relacionar. Se o serviço social é essa profissão que intervém nas expressões da questão social há de se encontrar e estudar os instrumentos possíveis de realização de ações que vão na direção de efetivação de direitos.

Aqui também importa lembrar que na realização em qualquer atividade no serviço social deve se ter em mente o direcionamento do código de ética:

A atenção para esses momentos é importante para colocarmos em prática os princípios do Código de Ética, em especial a ampliação e consolidação da cidadania; a defesa do aprofundamento da democracia; o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito; incentivo e respeito à diversidade; o compromisso com a qualidade dos serviços prestados. Possibilitar o trabalho profissional a partir das experiências de arte e cultura tem sentido ao estar alinhado aos princípios elegidos historicamente pela profissão. (CFESS, 2026, p. 18)

Como já comentado, o código de ética fornece as orientações a(o)s profissionais. Dessa forma, qualquer ação desenvolvida por profissionais do serviço social devem estar alinhadas ao código de ética, desde os princípios e direitos até os deveres. Assim se orientando no código de ética e tendo em conta as dimensões já mencionadas o serviço social pode ser artístico. Portanto:

conclui-se que a Arte como mediação no Serviço Social é maneira eficaz de apreensão da realidade, pois possibilita o indivíduo entender-se como um ser social capaz de transformar a sua história e de se integrar ao compromisso social de levar os demais sujeitos a compreender o contexto no qual estão inseridos. (SANTOS, MENDONÇA. 2015, n. p.)

Dessa maneira, é evidente a potencialidade da arte no processo crítico e emancipatório da classe dominada. É importante pensar essa temática desde a formação profissional nas universidades até já no cotidiano profissional nos espaços sociocupacionais. Assim, em diálogo, pesquisas e em coletivo se pode ir evidenciando e aprimorando os instrumentos de intervenção como a arte, instrumento pensado nesse trabalho.

Dessa forma, espera-se que a arte seja esse instrumento do serviço

social, pois como visto nos exemplos é uma maneira de estreitar relações, deixar mais leve conversas difíceis, pode ser um instrumento de sociabilidade entre a comunidade, de emancipação, entre outros muitos elementos. Assim evidencia-se a ponte que é possível fazer entre serviço social e arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne ao objetivo geral deste trabalho, “compreender a arte como elemento de resistência e intervenção” não foi esgotado. Houve, porém, uma aproximação onde se mostrou que a arte tem um papel fundamental na resistência de grupos subalternos e pode sim ser instrumento de intervenção de assistentes sociais.

Remontando os objetivos específicos, começando pelo primeiro “Explicar as categorias capitalismo e resistência”, fica nítido que o capitalismo precisa da exploração para seguir “funcionando”. Isso gera a acumulação de riqueza para alguns, e a miséria para outros. Além disso, o capitalismo acentua diversas expressões da questão social, como racismo, machismo, xenofobia, desemprego, fome, entre muitas outras, além de precisar de pilares como a exploração severa da natureza e do imperialismo, por exemplo. Também foi abordado sobre o seu caminho histórico, passando desde os seus primórdios até a contemporaneidade, mostrando que o capitalismo não é natural e nem perpétuo. Com isso, esse modo de produzir e de acumular, pode mudar. Assim sendo, dada às relações de poder que o capitalismo impõe, os grupos subalternizados resistem. A resistência é a recusa à subordinação imposta, é a defesa do subordinado para assegurar o que é seu, desde aspectos sociais a culturais. Desse modo, a resistência no mundo capitalista é cotidiana. As mulheres, pessoas negras, indígenas, com deficiência, imigrantes, da comunidade Lgbt, a classe trabalhadora, todas essas pessoas resistem. Também foi comentado que a resistência pode se dar de maneira coletiva e assim ganha mais força, porém, o capitalismo tenta individualizar a sociedade. Com isso se mostrou que a solidariedade é tão importante e que as lutas são coletivas, e que enquanto o capitalismo existir, sempre haverá resistência.

Em relação a “Refletir sobre a categoria arte e como se vincula com a resistência”, é difícil dizer exatamente o que é arte, mas em linhas gerais ela é uma manifestação humana para expressar ou representar algo, é o pensar e transformar a natureza, conferindo a ela o caráter de trabalho. Para falar de arte é necessário voltar aos primórdios da humanidade. O homem por meio do trabalho foi ganhando capacidade teleológica, e posteriormente simbólica e é a arte que atesta isso. A arte tem suas origens

vinculadas a magia e espiritualidade, para entender o mundo. Com isso a arte imprime a realidade vivida. Na contemporaneidade pode se pensar em diversas expressões artísticas como o grafite, teatro, cinema, música, bordado, entre outros muitíssimos exemplos. E chegando ao ponto desse objetivo, essas expressões artísticas podem ser instrumento da resistência. Uma música, grafite, bordado, pintura, etc, podem ter o conteúdo de protesto, manifestação, repúdio e reivindicação. Dessa maneira fica nítido a relação de arte e resistência. Cabe mencionar que no mundo capitalista a arte muitas vezes é colocada numa perspectiva puramente mercadológica, assim fica evidente a necessidade de resistir com a arte e pela arte.

E acerca de “Evidenciar como o serviço social pode utilizar da arte como instrumento de intervenção profissional”, foi mostrado que o serviço social pode sim ter a arte como instrumento de intervenção. Essa profissão interventiva, nas expressões da questão social, e que passou pelo movimento de renovação, adotando uma perspectiva crítica, está com a classe trabalhadora e em defesa de direitos. Assim, importa pensar em estratégias para intervenção profissional. A arte pode ser esse instrumento que estreita relações com indivíduos, famílias, comunidade, pode deixar uma clima menos pesado em conversas difíceis, pode ser um instrumento de sociabilidade, de emancipação, além de outros que podem se revelar na intervenção. Com isso pode se dizer com toda certeza que a arte é um instrumento de intervenção profissional de assistentes sociais.

Dessa forma, faz se importante esse debate chegar às universidades na formação profissional e aos espaço sociocupacionais e em políticas sociais. Importa pesquisar e debater essa maneira de intervir, para assim aprimorar esse instrumento de intervenção que é a arte, visando sempre compromisso com os indivíduos sociais.

Assim sendo, a pesquisadora deste trabalho vê a necessidade de seguir investigando e aprimorando essa temática, quem sabe com um mestrado ou na intervenção profissional (quando cumprir os requisitos para ser uma assistente social), dentro das possibilidades concretas e tendo sempre em conta o código de ética profissional e esperando um novo mundo.

REFERÊNCIAS

ALDANA, Óscar Useche. «**La potencia creativa de la resistencia a la guerra**», Polis [En línea], 6 | 2003, Publicado el 22 septiembre 2012. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/polis/6721> Acesso em: 24 jun. 2026.

ARALDI, Elmidés Maria. **APREENSÃO TEÓRICO-CRÍTICA DA CATEGORIA LIBERDADE NO COTIDIANO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA AS REFLEXÕES SOBRE O PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL**. Londrina, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão [recurso eletrônico]: o novo proletariado de serviços na era digital** / Ricardo Antunes. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2018. (Mundo do trabalho) recurso digital. Disponível em: <https://nestpoa.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/09/ra-ps.pdf> Acesso em: 24 jun. 2026.

BRAGA, J. C. D. S.; MAZZUCHELLI, F.. **Notas introdutórias ao capitalismo monopolista**. Brazilian Journal of Political Economy, v. 1, n. 2, p. 189–197, abr. 1981. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rep/a/9gFzpGL9fVmPGkrdkkTfkpg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 6 jun. 2026.

Brasil. **Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão**. - 10ª. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2012]. Disponível em: https://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf Acesso em: 24 jun. 2026.

CFESS. **Serviço social em defesa da arte e Cultura**. Brasília, DF. 2026. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/uploads/revista/5752/Cfess2026-DocumentoArteCultura.pdf> Acesso em: 24 jun. 2026.

CFESS. Nota sobre o conflito em Gaza. Brasília (DF), 11 de agosto de 2014. Disponível em: https://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS_NotaGaza2014.pdf Acesso em: 27 jun. 2026.

CFESS. **TEXTO PRELIMINAR PARA O WORKSHOP SOBRE A DEFINIÇÃO MUNDIAL DE TRABALHO SOCIAL DA FITS**. 2011. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/texto-preliminar-workshop-2012.pdf> Acesso em: 28 jun. 2026.

FRASER, Nancy. Nancy Fraser: **O que é capitalismo?**. Boi Tempo, 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/09/24/nancy-fraser-o-que-e-capitalismo/> Acesso em: 24 jun. 2026.

FRATTINI, M. Prelúdios nas Histórias da Arte: amplitudes conceituais e novas descobertas na arte paleolítica. História Social, n. 26, 2023, pp. 109-138.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Tradução: Leandro Konder. Zahar Editores. R.J. 1983

GOES, Diogo. **A função social da arte: olhar é um ato político (ii)**. A Patria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa. 2023 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370715212_A_funcao_social_da_Arte_olhar_e_um_ato_politico_II Acesso em: 24 jun. 2026.

IAMAMOTO, M. V. **A Questão social no capitalismo**. Temporalis, 9-32. Brasília, ABEPSS. 2001

IAMAMOTO, M. V. **NAS TRILHAS COLETIVAS DA RESISTÊNCIA SERVIÇO SOCIAL E LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA**. Temporalis, Brasília (DF), ano 22, n. 44, p. 18-42, jul./dez. 2022. ISSN 2238-1856

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na cena contemporânea**. N.d.. Disponível em: <https://abepss.org.br/arquivos/anexos/o-servico-social-na-cena-contemporanea-201608060403123057450.pdf> Acesso em: 28 jun. 2026.

IAMAMOTO, M. V; CARVALHO, R. **Relações sociais e serviço social no brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. Marilda Vilela Iamamoto; Raul de Carvalho -19. ed. - São Paulo: Cortez; [Lima, Peru]; Celats, 2006.

LEÃO, Ricardo de Holanda. **Para além das montanhas: estética marxista e arte como mediação no Serviço Social** / Ricardo de Holanda Leão. - São Paulo: Editora Dialética, 2025.

LOBOS, Claudia Paz Verdugo. **Arpilleras y dictadura chilena: prácticas ético-políticas de mujeres frente a la pobreza y la violencia estatal**. VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL. Londrina. 2026 Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/conserdigeo/article/view/6390/4849> Acesso em: 26 jun. 2026.

LORENZ, Federico Guillermo; DE ALMEIDA, Carlos Henrique Lopes. **RESISTÊNCIAS**. Margens: Revista Interdisciplinar, [S.l.], v. 9, n. 13, p. 11-15, maio 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2669>. Acesso em: 07 jun. 2026.

Maia, Adriana Valério; Stankiewicz, Mariese Ribas **A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A DITADURA MILITAR: VOZES DE CORAGEM COMO MANIFESTAÇÕES DE ENFRENTAMENTO AOS INSTRUMENTOS DE REPRESSÃO**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco

Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Sociedade: Olhares Transversais. n. d. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/23122/3/PB_EL_I_2015_01.pdf Acesso em: 26 jun. 2026.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço social: identidade e alienação**/Maria Lúcia Martinelli. - 6. ed - São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de José Barata Moura. Lisboa: Editorial "Avante!", 1997. Disponível em: <https://www.pcp.pt/publica/edicoes/25501144/manifes.pdf> Acesso em: 24 jun. 2026.

Marx, Karl. **O Capital**. Tradução: Rubens Enderle. Boitempo. 2013

MISOCZY, Maria Ceci; FLORES, Rafael Kruter; BÖHM, Steffen. **A PRÁXIS DA RESISTÊNCIA E A HEGEMONIA DA ORGANIZAÇÃO**. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/Njc9Dr8gPCPrkVT5ZGgLPsQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 jun. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETTO, J. P. **Cinco Notas a Propósito da “Questão Social”**. Temporalis, 41-49. Brasília, ABEPSS. 2001

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social [livro eletrônico] : uma análise do serviço social no Brasil pós64** / José Paulo Netto. -- 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2017. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/2022-1/disciplinas/servico-social-2/texto-3/Ditadura%20e%20Servico%20Social%20-2017.pdf> Acesso em: 24 jun. 2026.

OMAS, Salua; SAMMOUR, Girrad Mahmoud; SANTOS, Manoel Antônio dos. **DIREITOS HUMANOS PARA QUEM? REFLEXÕES SOBRE O GENOCÍDIO NA PALESTINA E O MODUS OPERANDI DO IMPERIALISMO COLONIALISTA EM RELAÇÃO A ÁRABES E MUÇULMANOS**. Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 23, n. 2, 2025. DOI: 10.18224/cam.v23i2.14936. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/14936> Acesso em: 27 jun. 2026.

PAULA, L. G. P. D.; SOUZA, C. R. P. D.; FREITAS I. D. G.. **REFLEXÕES SOBRE A ARTE E O TRABALHO SOCIOEDUCATIVO NO SERVIÇO SOCIAL**. XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. 2022. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/00172.pdf> Acesso em: 25 jun. 2026.

REINALDIM, Ivair. CÂNONE(S), **GLOBALIZAÇÃO E HISTORIOGRAFIA DA ARTE**. Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro

(EBA-UFRJ), Brasil. 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ars/a/Fwp6cXXvsFQpZvvBX86HPvD/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 24 jun. 2026.

SANTOS, Vera Núbia; MENDONÇA, Isabelle Pinto. **ARTE E SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL: levantamento de dados em periódicos da área**. 2015.

SCHERER, Giovane Antonio. **DIVERSIDADE ESTÉTICA EM MARX E ENGELS**. Organizadoras: Idilia Fernandes e Jane Cruz Prates. Campinas. editora Papel social. 2016.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno** /. Carol Strickland; tradução Angela Lobo de Andrade.-. Rio de Janeiro: Ediouro. 2002.

TRIANA, S. V. **Capitalismo Gore**. Editorial Melusina. 2010.